

# trabalho *necessário*

issn: 1808-799X

ano 5 - número 5 - 2007

## Ensaio

### **A DIMENSÃO ÉTICA-ESTÉTICA DA RELAÇÃO TRABALHO E EDUCAÇÃO**

Ronaldo Rosas Reis

Agradeço o convite para ministrar esta aula inaugural das atividades da Oficina-Escola de Manguinhos. Sinto-me honrado de poder compartilhar desse início de trabalho educacional voltado para a formação profissional dos jovens aqui presentes, e de tantos outros que certamente aqui ingressarão. Peço licença, por isso, para saudar aqueles que a idealizaram e por ela lutaram, bem como a todos aqueles que envolvidos no projeto que ora se concretiza, desejando vida longa para a Oficina-Escola.

Propus para a Coordenação da Oficina-Escola o tema-título “A dimensão ética-estética da relação trabalho e educação”, mediante o qual pretendo abordar algumas questões que me parecem importantes para refletirmos sobre o papel e a função do trabalho, da educação, da política e da arte na atualidade.

Procurarei desenvolver o tema em três momentos complementares. No primeiro, exporei as premissas ou fundamentos do método que orientará o nosso percurso. No segundo, buscarei contextualizar historicamente o nosso tempo. E, no terceiro momento, conclusivamente, abordarei as dimensões ética e estética da relação trabalho e educação como elementos indissociáveis do lugar ou *lócus* dessa relação.

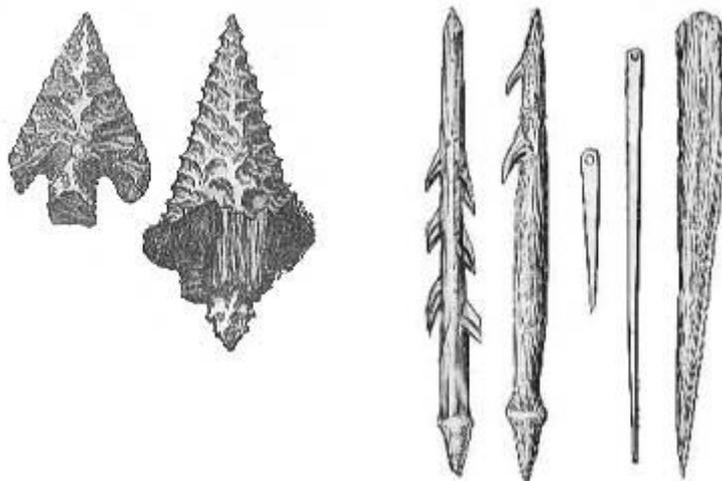
## 1. FUNDAMENTOS

Toda construção requer que comecemos pelas fundações. Fundar é “assentar os alicerces”, é “fundamentar”, “instituir”, “estabelecer”. Assim, o nosso fundamento principal diz respeito às duas atividades especificamente humanas: trabalho e educação. Isto é, o trabalho e a educação inexistem fora de tudo o que reconhecemos e denominamos como humanidade.

### 1º fundamento: trabalho-educação como atributo humano

Sintetizando numa única frase, trabalho e educação são atividades específicas da humanidade. Analisando o processo de trabalho ou o processo de produzir valores de uso, Marx, na sua grandiosa obra *O capital*, afirma que “por melhor que seja a colméia da abelha e pior que seja a casa do arquiteto, a abelha não trabalha, quem trabalha é o arquiteto”. Tal afirmação nos impõe a seguinte pergunta: por que somente a espécie humana trabalha? E a resposta é: “por acidente”. Ou seja, no curso de toda a cadeia evolutiva das espécies coube a nós, acidentalmente, e não às abelhas e às aranhas que “imitam” os tecelões, o atributo da razão. E este atributo é caracterizado pelo ato de pensar-aprender sobre o que fazemos, projetando na mente a imagem da construção antes de transformá-la em realidade.

Portanto, na medida em que, acidentalmente, a nossa espécie é definida pela característica de *projetar artefatos*, tudo o mais que se segue a esta característica obedecerá à lógica do “agir-pensar-aprender sobre”. E isso é o mesmo que racionalizar, organizar, tornar as coisas da vida mais eficientes. Ao produzir um artefato, uma ferramenta, por exemplo, e depois repeti-lo continuamente, a espécie humana pouco a pouco se destacou do meio natural ao mesmo tempo em que o ajustava ao seu próprio modelo.



Ferramentas do paleolítico – entre 22.000 e 15.000 AC

Posto isso, estamos já diante do segundo fundamento.

2º fundamento: *trabalho-educação como condição histórica*

Peço licença para utilizar uma definição do professor Dermeval Saviani (2006):

[...] o ato de agir sobre a natureza transformando-a em função das necessidades humanas é o que conhecemos sob o nome de trabalho. Podemos, pois, dizer que a essência do homem é o trabalho. A essência humana não é, então, dada ao homem; não é uma dádiva divina ou natural; não é algo que precede a existência do homem. Ao contrário, a essência humana é produzida pelos próprios homens. O que o homem é, é-o pelo trabalho. A essência do homem é um feito humano. É um trabalho que se desenvolve, se aprofunda e se complexifica ao longo do tempo: é um processo histórico.

Há milhares de anos a espécie humana produz ferramentas, máquinas, moradias, vestuário etc. Ao ato de produzir essas coisas denominamos de técnica, que é segundo as definições correntes, “a parte material ou o conjunto de processos de uma arte”. Sobre esta última, apreendida autonomamente, falaremos depois. Por ora é importante notar que foi agindo-pensando-aprendendo sobre o meio natural, isto é, trabalhando-educando, que o homem não apenas se tornou uma espécie distinta das demais espécies naturais como o seu esforço resultou em algo que a princípio seria impensável: a humanização da natureza. De fato, restam poucas áreas naturais do planeta as quais não tenham sido transformadas pelas mãos humanas. Não sendo isso satisfatório, estendeu a sua aventura para a Lua e para os planetas mais distantes do nosso e de outros sistemas solares. A título de lembrança, há menos de um ano pudemos assistir nas TVs e na Internet algumas fotos de Marte registradas por um dos muitos “olhos humanos” – parece que lá existe água. E, não faz muito tempo, em 1999, um robzinho enviado para lá foi “acordado” ao som da voz de Beth Carvalho cantando o samba “Coisinha do pai”.

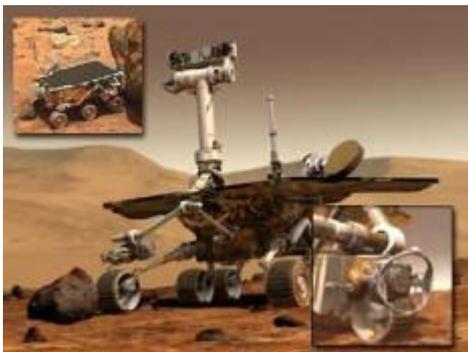


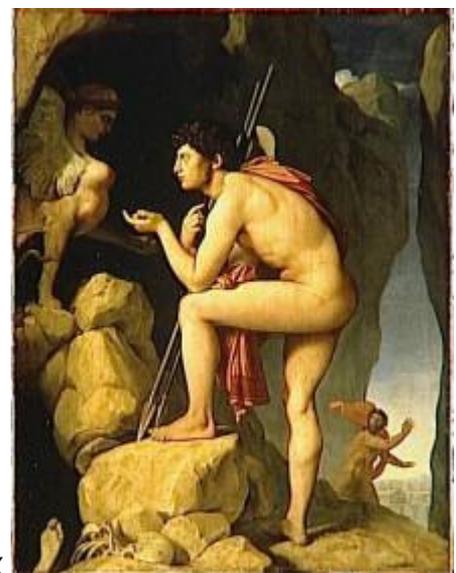
Imagem NASA

Mas o trabalho-educação humano como motor da história não se voltou apenas para o

mundo exterior, visível, palpável, incluindo aí o próprio corpo do homem com todas as suas partículas microscópicas estudadas pela citologia genética. O trabalho-educação humano voltou-se também para a sua psique, cujas manifestações desde a antiguidade suscitaram de pensamentos filosóficos e metafísicos a descrições poéticas, encenações teatrais e pinturas célebres.

Para o assombro do homem do fim do século XIX e início do século XX, em Viena, um então jovem e desconhecido neurologista chamado Sigmund Freud aprofundaria as investigações correntes sobre a psique e a relação desta com as doenças em geral. A psicanálise, a ciência inaugurada por Freud, levou-o a descobrir e a dar início à exploração de um universo pouco conhecido pela filosofia e pelas ciências o qual ele denominou de *inconsciente*.

Dentre outras coisas que o homem já desconfiava acerca de si próprio, Freud teve a coragem de afirmar que apesar de todo o desenvolvimento técnico-produtivo, de toda a ciência criada pelo homem, a sua existência é falha. Ou seja, nada assegura ao homem a completude ou totalidade por ele reivindicada pelos séculos de dominação técnica e de glórias circunstanciais. De acordo com Freud, a falibilidade da existência humana impõe-se a todos de forma avassaladora mediante um sentimento profundo de ausência – que o senso comum usualmente confunde com “perda”. Para Freud, essa “ausência” do que não sabemos bem o que seja marca tragicamente a nossa existência. Nesse sentido, vale lembrar que no teatro grego, há cerca de 2.400 anos, associava o sentido trágico das aventuras dos heróis da sua rica mitologia ao *páthos*; isto é, ao patético, um sentimento que assolava o herói – e a existência humana em geral – assombrando-o, mas, também, movendo-a para frente. Não por acaso é dessa maneira que o pintor Ingres representa o seu Édipo entre assombrado e curioso diante de uma sinistra Esfinge. Ao decifrar o enigma proposto pela horrorosa criatura o herói livraria a cidade de Tebas da peste de moscas e cumpriria o seu destino trágico.



Ingres – “Édipo e a esfinge”, século XIX

Para concluir esta parte da minha abordagem acerca da condição histórica da relação trabalho-educação, retomo as palavras de Dermeval Saviani (2006):

É [...] na existência efetiva dos homens, nas contradições de seu movimento real e não numa essência externa a essa existência, que se descobre o que o homem é [...].

[...] Se a existência humana não é garantida pela natureza, não é uma dádiva natural, mas tem que ser produzida pelos próprios homens, sendo, pois, um produto do trabalho, isto significa que o homem não nasce homem. Ele se forma homem. Ele não nasce sabendo produzir-se como homem. Ele necessita aprender a ser homem, precisa aprender a produzir sua própria existência. Portanto, a produção do homem é, ao mesmo tempo, a formação do homem, isto é, um processo educativo. A origem da educação coincide, então, com a origem do homem mesmo.



Sísifo



Prometeu

## 2. CONTEXTO HISTÓRICO: O MUNDO ATUAL E O PÓS-MODERNISMO

Em 1848, em meio às lutas que os trabalhadores franceses travavam em Paris contra uma burguesia cada vez mais opressora, Marx cunhou uma frase que para muitos homens de sua época parecia incompreensível: “tudo que é sólido desmancha no ar”.

Na ocasião ele descrevia e analisava o contexto histórico que havia engendrado o modo de produção capitalista e a passagem na qual a frase de Marx se inseria fazia referência ao desenvolvimento daquilo que ele chamaria de *forças produtivas*: dentre outras, a natureza, o trabalho e a técnica. Para ele, no curso da história, jamais uma sociedade como aquela diante dos seus olhos havia colocado em movimento forças produtivas tão poderosas. A natureza como até então se conhecia fora revolucionada, as cidades incharam de trabalhadores e se tornaram cada vez mais verticalizadas, as antigas relações sociais, crenças, idéias, valores, enfim, “tudo havia sido profanado e se esfumava”.

Próximo de completar 160 anos a análise de Marx permanece cada vez mais atual. Isso porque, não obstante o senso comum julgar pelas aparências das coisas que nos cercam que o mundo tenha mudado radicalmente, a verdade é que do ponto de vista estrutural ele pouco se alterou.

Isto é, neste século e meio cada vez mais o trabalho está fora do alcance dos jovens, o contingente de indivíduos nas classes médias recuou e o contingente de pobres no mundo inteiro aumentou significativamente, a família e os valores comunitários parecem se “desmanchar no ar”.

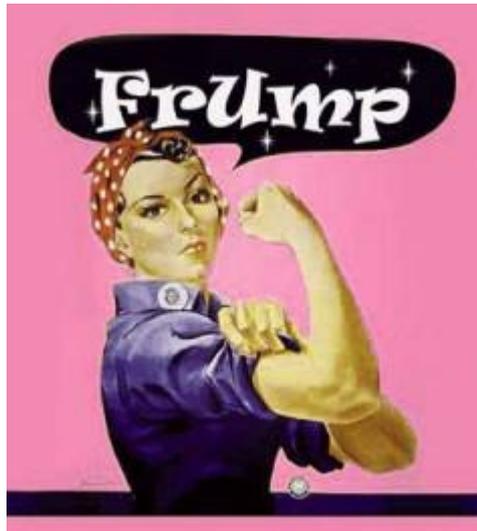
Os indivíduos ricos continuam sendo muito poucos e acumulando cada vez mais propriedades detendo cada vez mais controle sobre a força de trabalho e os meios técnicos de produzir a tecnologia mais avançada. Dizer que hoje é crescente o número de pessoas com acesso aos computadores e à Internet é dizer apenas meia verdade. A verdade inteira oculta o fato de que – num cálculo grosseiro – apenas uma em cada 10 milhões de pessoas tem acesso ilimitado ao conhecimento capaz de produzir ferramentas avançadas para os computadores. De resto, o indivíduo comum se utiliza de máquinas e programas ordinários, no mais das vezes, obsoletos.

A análise que farei em seguida começa em 1973.

A partir daí observaremos de que forma a crise da economia mundial e o processo de reestruturação da produção capitalista engendraram uma nova ordem de relações sociais que chega ao século XXI dando sinais de esgotamento. Faremos isso com a intenção de, ao final, determos os elementos que estruturam as duas dimensões da relação trabalho-educação que ora examinamos: a ética e estética.

#### *A cultura do dinheiro e o fetiche da mercadoria*

Em 1973, a crise do petróleo pôs um ponto final no ciclo virtuoso do capitalismo ocidental que durara cerca de três décadas. Denominado Estado de Bem-Estar Social, o ciclo deveu-se a um modelo político econômico baseado fortemente na garantia de oferta e na estabilidade do emprego, na seguridade e na previdência social. Ao longo do período de sua duração, os meios de comunicação, notadamente a televisão, e a publicidade tornaram-se os principais canais de mediação entre a indústria produtora de mercadorias e o público consumidor.



Década de 60

Se no período entre as duas Grandes Guerras Mundiais (1918-1939) a classe dominante economicamente e os setores mais politizados da sociedade começavam a assimilar idéias acerca do extraordinário potencial da publicidade e da cultura como instrumentos de manipulação política das massas populares, depois da Segunda Grande Guerra (1939-1945) a aceleração do desenvolvimento tecnológico dos meios de comunicação fez desses instrumentos a principal força de expansão do consumo de bens das sociedades capitalistas. Associada aos já citados generosos fomentos sociais do Estado de Bem-Estar Social – oferta e estabilidade no emprego etc. – essa força impulsionou a economia capitalista a patamares jamais imaginados.

Tal fato se deve a dois aspectos notáveis: o primeiro decorrente da herança tecnológica de telecomunicação legada pela indústria da guerra aos meios de comunicação. O segundo e talvez o mais importante, decorrente do mais extraordinário processo de estetização da subjetividade a que o homem burguês jamais fora submetido.

## Da massificação da estética modernista na arquitetura e no design

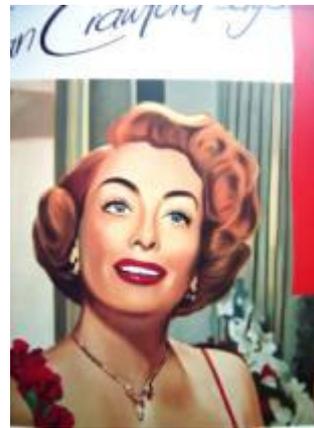


Mies Van der Rohe, cadeira "Wassily", 1924.

aos intensos apelos glamourosos do cinema norte-americano e da propaganda de massa e da moda, a vida social nas grandes cidades do



Rock Hudson e Ingrid Bergman



Joan Crawford

Coco Chanel

mundo no século XX transformara-se num palco para experiências estéticas inusitadas em meio a uma cultura consumista de massa.

Se o desenvolvimento tecnológico precedente dera aos proprietários das empresas de comunicação o poder de influenciar fortemente os valores e o gosto de milhões de indivíduos em todo o planeta, não seria então por mero acaso que, por toda a parte, esses mesmos capitalistas tomavam à frente dos principais eventos de arte, de moda e da cultura em geral.



Orson Welles, "Cidadão Kane", 1949 (metáfora sobre o poder imperial da imprensa)



Jornal do Brasil, década de 1950, após a reforma gráfica

Lina Bo Bardi, MASP, 1947 Chateaubriand lidera a burguesia paulistana

Dessa forma, em 1973, em que pese à proximidade da crise, o aparato ideológico burguês escorado nos meios de comunicação de massa e na indústria cultural encontrava-se aparelhado para disseminar no interior da cultura o mais violento, avassalador e permanente processo de ocultação da relação verdadeira entre o trabalho humano – do valor a ele atribuído socialmente – e a mercadoria. Tal processo denominado por Marx como *fetichismo da mercadoria* tornar-se-ia a pedra angular da *cultura do dinheiro* na segunda metade do século XX.

Deixarei esta questão em aberto para retomá-la mais adiante.

#### *Reestruturação produtiva, neoliberalismo e globalização*

Se a crise do petróleo deu um contorno material e motivo palpável à crescente insatisfação das frações burguesas liberais face o modelo econômico representado pelo Estado de Bem-Estar Social, o início do seu fim teve local e dia marcados: Chile, 11 de setembro de 1973.

Liderando um golpe militar, a sinistra figura do general Augusto Pinochet derruba o governo socialista de Salvador Allende e imediatamente adota um modelo de política econômica elaborado por Milton Friedman, um renomado economista norte-americano ultra liberal.



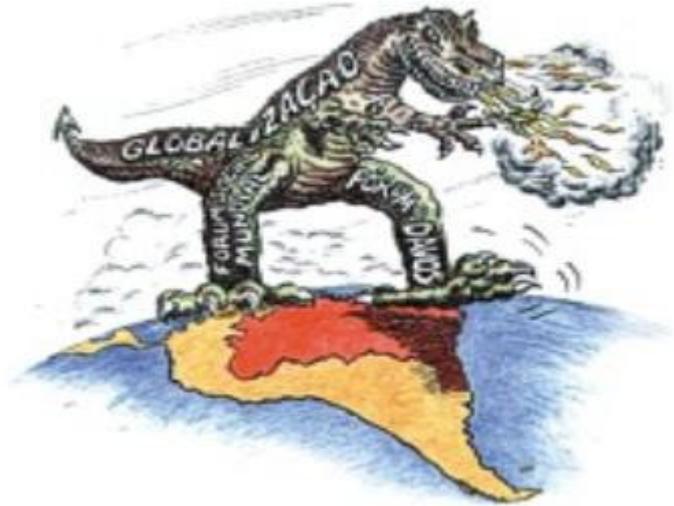
Palácio de La Moneda, Chile, 1973

Tal modelo associava uma política de enxugamento do Estado com o modelo produtivo desenvolvido nos anos 50 pelos engenheiros e empresários Ohno e Toyota nas fábricas de automóvel deste último, no Japão. Contrariamente à forma de produção industrial fins do século XIX, o toyotismo baseia-se em pequenas unidades produtivas espalhadas por diversos pontos do planeta, permitindo ao empresário flexibilizar a forma de contratação da força de trabalho, forçando para baixo os salários e desobrigando-o de pactuar a estabilidade do emprego.

Ainda nos anos 70, a primeira-ministra inglesa Margareth Thatcher infligiria sucessivas derrotas a algumas das mais importantes conquistas dos trabalhadores. Ela quebraria, inclusive, a força histórica do mais tradicional sindicato inglês, a dos mineradores de carvão. Nos anos 80 e 90, respectivamente, o presidente norte-americano Ronald Reagan e o chanceler alemão Helmut Kohl despontariam como os principais artífices dessa política econômica. Ao conjunto de procedimentos que havia modificado a forma de produção industrial se deu o nome de reestruturação produtiva, e à política econômica adotada pelos governos chamaram-lhe de *neoliberalismo*. Por toda a parte onde o *neoliberalismo* foi adotado empresas estatais foram privatizadas, os sistemas de saúde e educacional deixaram de ser universais, tornando-se públicos não estatais ou simplesmente privados.

E, mais, subsídios para o transporte foram retirados e a legislação previdenciária, trabalhista e sindical foi profundamente reformada “desmanchando no ar” todo um conjunto de conquistas históricas dos trabalhadores.

Por conseguinte, as taxas de desemprego se elevaram violentamente e os sindicatos que esboçaram reações ou foram dobrados pelo poder policial ou aderiram à nova ordem econômica criando e administrando poderosíssimos fundos de pensão.



Anos 70 e 90: toyotismo+neoliberalismo+globalização=desemprego =luta social

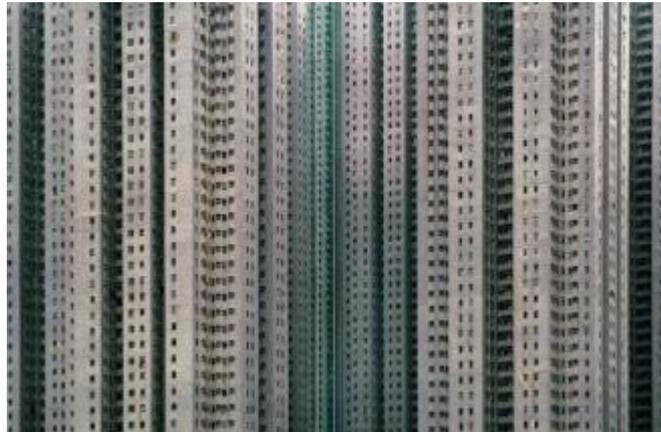
Não obstante, ao despir do Estado a tarefa de investir na produção e prover de subsídios a área social, a política econômica neoliberal liberou uma quantidade extraordinária de força para que os agentes privados investissem pesadamente na ampliação do conhecimento de novas formas de controle do tempo-espaco produtivo. Dessa forma, em pouco menos de uma década novas tecnologias de informação foram criadas bem como se observou um intenso desenvolvimento das técnicas comunicacionais utilizadas pelas empresas de comunicação e da indústria cultural.

Ao mesmo tempo, o enxugamento do Estado foi a senha que as bolsas de valores dos diferentes países esperavam para promover uma profunda reformulação nos seus respectivos modos de funcionamento, passando todas a agir de forma integrada porém descentralizada e global. De posse da mais sofisticada rede de informação e comunicação, milhares de operadores de ações em todo o mundo fazem o dinheiro girar numa velocidade jamais observada, sendo esta a estrutura do fenômeno da *globalização*.

Com a *reestruturação produtiva*, a *política neoliberal* e a *globalização* os países mais ricos e neles os milionários e os segmentos mais abastados das classes médias, notadamente àqueles que tinham acesso aos níveis superior e médio de ensino, proporcionaram maiores possibilidades de ganhos de renda e acesso a mais conhecimento e ao consumo de artefatos com valor tecnológico agregado altamente sofisticado. Por outro lado, os milhões de pobres nos países ricos, em sua maioria emigrantes de regiões miseráveis da América Latina, do Caribe, da África e da Ásia, e os milhões de pobres dos países pobres, passaram a consumir aquilo que havia se tornado obsoleto para os ricos: da sobra tecnológica das “indústrias sujas” transferidas para os países do Terceiro Mundo aos indignos conglomerados habitacionais.



China, 2002, conjunto habitacional



China 2002, conjunto habitacional

### *A cultura do dinheiro e o fetichismo da mercadoria II: o pós-modernismo é um X-tudo*

Os números e valores que atestam a presença hegemônica e a escala planetária dos impérios empresariais transnacionais na esfera cultural são impressionantes. De acordo com Moraes, em 1997, para se ter uma pequena idéia, o mundo consumiu 70 bilhões de *big macs* em 23 mil lojas da cadeia *McDonald's*. No mesmo ano as “garotas tempero” (*Spice Girls*), grupo hoje desfeito, venderam 30 milhões de cópias, faturaram U\$ 83 milhões e cerca de 400 sítios na Internet foram abertos entre os oficiais e os de fãs clubes. A indústria da moda (vestuário, bolsas, malas, perfumes, *spas*, etc.) faturou U\$ 70 bilhões. De acordo com os estudos realizados, nem mesmo os comunistas chineses escapam do poder de persuasão do consumo cultural difundido pela mídia: seus líderes recomendam que assistam filmes-catástrofes norte-americanos para aprenderem “como as pessoas reagem diante do desastre”, e milhares de jovens em Pequim elegem seus astros e seguem a moda esportiva ditada pela NBA, o bilionário basquete norte-americano. No Brasil, ainda em 1997, assistiu-se diariamente a cerca de 180 horas de desenhos animados, seriados e filmes, sendo que 95% da programação pertencente às chamadas “cinco irmãs” (Disney, Viacom, Time-Warner, News e Discovery)<sup>[iii]</sup>.

Do ponto de vista político, a quantificação desses números e valores indica que o intenso processo de standardização da cultura mundial segue a lógica do reforço dos interesses

de dominação geopolítica global por parte dos países capitalistas avançados. Do ponto de vista econômico, tal quantificação indica que as transformações ocorridas no mundo ocidental têm seguido a lógica cultural do capitalismo tardio, mediante a qual toda a forma de relação social é submetida a um processo de ocultação/simulação[iv]. Tal processo é o que denominamos de pós-modernismo.

Trata-se de um Mundo-Objeto inteiramente estilizado pela subjetividade burguesa. Uma espécie de *X-tudo* da carrocinha onde se pede “tudo com tudo dentro”, porém fetichizado pelo discreto charme da burguesia. É um mundo da mercadoria, e a mercadoria, como sabemos, ama o dinheiro.



X-tudo

Ora, numa sociedade organizada em torno do dinheiro a mercadoria adquire a forma de um fetiche. Isto é, a aparência externa da mercadoria pode ser qualquer uma – o trabalho, o sexo, o casamento, uma obra de arte, um perfume, uma cueca etc. –, pois o que importa de verdade é o dinheiro. Em resumo, na “cultura do dinheiro” o valor da mercadoria não é algo que se avalie pelo uso que fazemos dela, mas pelo dinheiro que pagamos por ela. Ora, sendo o próprio dinheiro a forma geral de todas as mercadorias, e considerando que o mundo capitalista atual está organizado basicamente na compra e na venda de mercadorias, podemos concluir sombriamente que as relações *entre seres humanos* não passam de relações *entre mercadorias*.

Se isso for verdade não estamos muito longe do dia prognosticado pelos mais recentes filmes de ficção científica de que já vivemos ou nos encaminhamos rapidamente para um mundo inteiramente virtual. Um mundo no qual os indivíduos são meras simulações daquilo que um dia foi chamado de humano – ver *Blade Runner*, e as séries de *O Exterminador do Futuro* de *Matrix* etc.



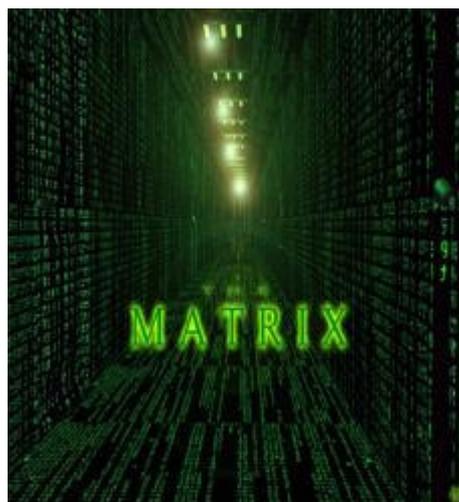
Blade Runner, 1982



O exterminador do futuro, 1984



Matrix, 1999



### 3. CONCLUSÃO: DIMENSÃO ÉTICA-ESTÉTICA DA RELAÇÃO TRABALHO E EDUCAÇÃO

Creio que todos já devem ter percebido que boa parte do que eu deveria dizer a propósito da ética e da estética como dimensões da relação trabalho-educação já se fizeram presentes na apresentação que fiz até aqui, a começar pela afirmação inicial de que a ética e a estética são elementos indissociáveis do *lócus* dessa relação.

Não irei tratar de todos os aspectos possíveis relacionados a essas dimensões, mas, apenas daqueles que considero mais relevantes para provocar sobretudo os jovens aqui presentes. Na verdade, tratarei de três aspectos entrelaçados numa única dimensão ética-estética: a identidade, a sensibilidade e a consciência de classe, bem entendida a identidade, a sensibilidade e a consciência da classe trabalhadora.

Em vários dos seus escritos econômicos e filosóficos, Marx analisa o caráter histórico e social da identidade, da sensibilidade e da consciência e observa que a cada grande conflito ou crise no modo de produção capitalista, tudo aquilo que no plano cultural fora manifestação de resistência ao *status quo* burguês acaba sendo absorvido pela ideologia da classe dominante e se transforma em mercadoria.

Não vou me deter em muitos exemplos pois a lista é interminável. Dentre os mais destacados do século XX cito: o jazz e o rock; o samba e as agremiações sambistas; a contracultura hippie e punk etc.

Muito embora essas manifestações tenham conseguido manter muito dos seus vínculos ou “raízes” históricas, é inegável que no mundo atual elas estejam caracterizadas sob a forma geral de mercadorias, portanto, sob o controle do sistema capital. Mas, enquanto houve tempo para que cada uma destas manifestações se desenvolvessem autonomamente, isto é, à margem do controle do sistema capital, elas conseguiram manter o frescor e a riqueza da identidade e da sensibilidade dos seus criadores.

Certamente que não estou aqui afirmando uma equivalência entre classe trabalhadora e pureza, ou inocência ou ingenuidade. Como qualquer outra classe a dos trabalhadores é cheia de contradições. Assim, ao fazer referência à ausência de controle do sistema capital quis dizer exatamente que sobre aquela determinada manifestação não se impôs qualquer outra sobre determinação à plenitude do desenvolvimento da capacidade humana de criar. O “frescor” e a “riqueza” daquelas manifestações não são necessariamente de “bom” ou “mau” gosto; não são necessariamente melhores ou piores que outras manifestações culturais, qualquer que seja a sua classe de origem. Não se trata, portanto, de aplicar um valor *a priori* posto que o seu valor decorre da consciência que o trabalhador fará dela.

Da mesma forma, não se trata de trabalhar-educar para a vida contemplativa.

A consciência sensível é apenas a consciência da existência de uma relação que se justifica na medida em que ela existe para o próprio sujeito, pois sendo a consciência um produto social ela o será enquanto existirem os homens, decorrendo daí a importância da identidade de classe. Por conseguinte, podemos admitir que se a história é o resultado do trabalho-educação realizado pelo homem em luta “pelo autocontrole dos seus poderes”, a sua principal dimensão ética-estética é a consciência que ele faz de si e das relações sociais.

Muito obrigado,

Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 2006

### Referências Bibliográficas

- EAGLETON, Terry. *A ideologia da estética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- GORENDER, Jacob. “Introdução”. In MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 2002
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1993.
- JAMESON, Fredric. *A cultura do dinheiro*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Pós-modernismo. A lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo, Ática, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Marxismo e forma*. São Paulo: Hucitec, 1985.
- KONDER, Leandro. *Os marxistas e a arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- MARX, Karl. *Manuscritos econômicos-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004. Tradução: Jesus Ranieri.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

[i] O presente ensaio reproduz, com algumas pequenas alterações, a aula inaugural do Curso Profissionalizante em Restauração de Bens Patrimoniais, ministrada aos alunos da primeira turma da Oficina-Escola de Manguinhos, FIOCRUZ, no dia 13 de dezembro de 2006.

[ii] Pós-Doutor em Educação (UFMG), Doutor em Comunicação (UFRJ). Professor Associado da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. Pesquisador do CNPq. [ronaldo3@vm.uff.br](mailto:ronaldo3@vm.uff.br) e [ronaldo.rosas@pesquisador.cnpq.br](mailto:ronaldo.rosas@pesquisador.cnpq.br)

[iii] Cf. MORAES, D. *O Planeta mídia*. Campo Grande, MS: Letra Livre, 1998. Ver especialmente o capítulo 1.

[iv] Idem

[volta](#)